

ARMANDO OLIVEIRA

A DIVINA DAMA

EMENDA, subemenda, emendinha, emendão, emenda-da-emenda, filha-da-emenda, pai-da-emenda, tutor-da-emenda, remendo-de-emenda, pau-na-emenda, enterro-da-emenda. Ufa!

Pobrezinha! Rebocaram a coitada e lhe traçaram uma trilha de especulações inter manus.

Atrás dela, um rastro longo de curiosos, fuxicadores, fãs, gente de todo tipo. Todos querem apalpá-la. Cutucá-la, como se se ela fosse uma senhora disponível, pronta a se sentar à mesa de sedentos cortejadores.

Todos lhe passam a mão, engordam os olhos ao vê-la assim, em pleno cio, mostrando a exuberância de suas formas.

00000000

As vezes, um ou outro mais exigente, tenta lhe dar uns retoques. São seus escultores.

— Não... esta emenda é boa mas tem os membros curtos demais.

Vamos lhe espichar as pernas, os braços e... quem sabe? Ficará mais de acordo com os padrões estéticos vigentes.

Os esteticistas reclamam essas atribuições:

— De jeito algum! Isso é com a gente. Ela está é meio gordinha. Precisa, urgentemente, passar por um regime que lhe dê as medidas ideais. E nós — NÓS, viu? — sabemos onde estão essas polegadas a mais.

00000000

De repente, ouvem-se os historiadores.

— Gente engraçada essa. Nunca, em tempo algum, colocou-se tanta alternativa para se acertar os rumos da história. Esta "senhora" está virando a cabeça de todos que tinham posições históricas. Compromissos definidos, fixos, inalteráveis!

Como é que ficamos? Será que para cumprir nossas obrigações vamos nos



transformar em fotoqueiros de alcova?

00000000

Homens de negócio abrem as 007 e tiram sua foto. Os olhares são os mais variados:

— É. Ela é atraente mas... tem um quê de devassa. Não satisfaz minhas aspirações éticas. — Diz o primeiro.

— Pois olha, eu acho o contrário. Confiável, ar respeitoso, algo assim muito familiar. — Diz o outro.

— Eu não sei... Tenho minhas dúvidas. Sustentar uma "senhora" dessas pode ser oneroso demais. Pesado demais. A não ser que a gente procure conhecê-la melhor. A partir daí, se ela agrada, tudo bem. Se não... a gente negocia, uai.

00000000

Músicos-poetas-cantores-artistas descontraem-se:

— Ah! não. "Senhoras" desse tipo já não me inspiram. Esgotaram, todas, meu poder criativo.

— Também cansei. Badalei muito. Meu espírito contestador me levou ao orgasmo cívico e uma dessas "senhoras", é, esquivou-se. Foi ser a musa de gente mais importante.

— E tem mais: nós poetas não gostamos de emenda. Geralmente é pior que o soneto. Seu poder de sedução é pobre, paupérrimo. Preferimos a abstração.

— Já nós, os pintores, esgotamos nossas cores com todos os verdes e amarelos que tínhamos direito. Emenda, além do mais, é retoque. Estamos mais afim de modelo...

— Cantores de todos os "cantos" se juntaram para uma longa serenata. Das trovas mais simples às baladas mais complicadas fizemos um gigante tremer. Sem cachês, como insinuaram os enciumados. Só que era uma outra "senhora". Uma dama, menos sofisticada, sem essa maquiagem toda. Sem laboratório, enfim.

O primeiro dono-da-emenda, mais magro, um tanto amargo, desabafou:

— Pois é. Vejam vocês, fui dar uma de Pigmalião e deu no que deu. Minha Galatéia foi longe demais. Deixaram que as "cantadas" a prostituíssem e aqueles senhores do alto da torre pediram-lhe a cabeça, indiferentes aos clamores gerais. Pediram-lhe a cabeça, sim senhor, a menos que ela se recatasse e provasse ser filha legítima dos deuses.

O segundo dono da-emenda, também mais magro mas menos amargo, sentenciou:

— EU vou dar uma oportunidade a essa senhora (que constrangimento, céus!). EU exijo, apenas, que ela se recomponha. EU só permitirei que ela transite livremente se houver um acordo. EU darei as regras do jogo selecionarei seus amigos, farei dela uma verdadeira dama. Antes, porém, ela terá de passar pelo colégio onde aprenderá tudo de novo.

Na minha cartilha, é claro.

REDATORA REGRA TRES

RUY ESPINHEIRA FILHO

UNS E OUTROS

Um amigo me telefona: — Você já viu uns estrangeiros falando bem do Brasil na televisão?

— Já — respondi.

— Que diabo é aquilo? — Propaganda, claro, que é que você queria que fosse?

Um instante de silêncio. Depois ele diz:

— Puxa vida, rapaz. Se já chegamos ao ponto de precisar contratar estrangeiros pra falar bem do Brasil, é porque a coisa está muito pior do que imaginamos!

xxx

Pior pra uns, penso eu, lembrando-me desta conversa. Porque pra outros a coisa não está tão ruim assim, não. Vejamos, por exemplo, como está

indo o Prêmio Justo Veríssimo, instituído pela Folha de São Paulo para a escolha do político mais detestado do país. Na cabeça, mostrando que é mesmo um candidato bom de voto, está Nelson Marchezan. Em seguida vêm, pela ordem: José Sarney, Amaral Netto (que, lembremos de passagem, era chamado por Carlos Lacerda de Amoral Nato), Flávio Marçílio, Armando Pinheiro, Alcides Franciscato e João Mendonça Falcão. Destes, só o último não é do PDS — é do PTB. Mais abaixo na votação, outro não-pedessista: Agnaldo Timóteo, que é do PDT. Também vêm recebendo crescente votação os Srs. Magalhães Pinto, Pratinô de Moraes, Aloísio Chaves e Jorge Malull Neto, representando a Babá, o Sr. Antônio Carlos Magalhães.

E vamos, todos nós, mandar nossos votos ao Prêmio Justo

Veríssimo. Afinal, trata-se de uma eleição direta — e já.

xxx

Três dos refens mantidos pelos índios Txucarramães são liberados e, chegando a Brasília, abrem a boca:

— Os índios devem ser respeitados — diz um.

E o outro:

— Os índios mostraram muito mais bom senso do que o pessoal daqui de Brasília.

Opiniões insuspeitíssimas, já que partiram de ex-prisioneiros dos índios. Na verdade, todos os problemas que envolvem índios são provocados por brancos que querem se apossar de suas terras. No caso em questão, o problema foi agravado pelo ex-presidente da Funai, que, diante da revolta

dos índios, cruzou os braços e declarou:

— Não ajo sob pressão.

Linguagem típica de ditador, como a gente já está cansado de saber. Enfim, diante de tal atitude, a situação foi se agravando e por pouco não acabou com vítimas fatais. Uma grande dose de culpa cabe, é óbvio, ao ministro Andreazza, que preferiu prestigiar o presidente da Funai a tomar providências imediatas para superar a crise. Ele passa longas horas se bronzendo com lâmpadas e não sei mais o que, mas isto não quer dizer que tenha simpatia especial por gente de pele mais escura. Gente fina despreza qualquer bronzado que não seja artificial — ou não adquirido nos ócios de beira-mar. Este também vale: não é exatamente artificial mas conta pontos. Principalmente no caso de pessoas que voltam logo a ser

brancarronas depois e uns dias longe do sol. Agora, bronzado natural — que horror, arrghhh, tremenda falta de finesse!

Mas o episódio dos índios versus Funai (felizmente vencido pelos primeiros) me faz lembrar as palavras de certa senhora, quando entrevistada por um repórter de TV. Havia um parente dela na região conflagrada, e ela disse que o governo tinha que ir ao Xingu e resgatar os refens de qualquer maneira, refens que lá estavam para ajudar os índios e vinham sendo maltratados por eles.

O repórter não lhe perguntou mais nada, mas eu lhe perguntaria como ela achava que o governo deveria agir para resgatar os refens "de qualquer maneira". Baixando um estado de emergência e mandando o general Newton Cruz acabar com aquela

"selvageria" por lá? É, seria um bom método. Com as armas sofisticadas de hoje — e a situação de miséria em que vivem os nossos indígenas — a vitória seria mais do que certa, não teríamos nenhum general Custer para chorar. Claro que ficaríamos com muito menos índios — mas quem é que quer índios? É claro também que os subversivos de toda a parte se aproveitariam do episódio e lançariam suas conhecidas calúnias contra a nossa democracia.

Mas — pergunto — e daí? O que vem de baixo não nos atinge. Além disso, não faltam entre nós estrangeiros desempregados que, por uma boa gorjeta, fariam os mais altos elogios ao nosso país através da televisão.

Afinal, como diz a sabedoria popular, quem não deve não teme...

REGINA COELI

SOCIEDADE

Entre outras

Neuza Castro será homenageada nesta segunda-feira, com um almoço no Salvador Praia Hotel, em comemoração ao seu aniversário. As adesões ainda podem ser efetuadas na Soella, com Eugênia. A reunião está sendo coordenada por D. Yeda Barradas Carneiro.

Carmem Amoeado recebe segunda-feira, em fim de tarde, para um chá, em comemoração ao seu aniversário.

Para dezembro, D. Cegonha já mandou aviso de mais um herdeiro para Verônica e Carlos Pedreira e Cristiana e Paulo Dórea.

No próximo dia 12, às oito da noite, casam-se na Capela da Casa Pia dos Orfãos de São Joaquim, Virginia Maria e José Roberto, filhos de Suzana e Luiz Augusto Costa e de Nôbia e Eduardo Aragão Filho.

A LAR — Liga de Assistência e Recuperação, através de Neuza Castro estará promovendo no próximo dia 10, no Clube Bahiano de Tênis, um desfile de modas, em benefício de suas obras assistenciais. Na passarela, lançamentos da griffe de Júlio César Habib.

A Condotti Jóias comunicando a entrega do prêmio sorteado na recente promoção da APAE, a Neilda Oliveira dos Santos. O

gerente da Condotti, Celso Ri-beirinho é quem nos dá a informação.

Em festas o lar de Rosário e Henrique Serra, com os 15 anos da filha Daniela, que recebe hoje em sua residência de Piaçã, amigos e a sociedade balana para um coquetel.

Aniversários de hoje: Anna Cláudia Veiga Eysen, Marcelo Marques, Fernando D'Almeida, Tetê Pifon da Motta Leal, Zilda O'Diier, Dinálio Tolentino, Jorge Hage Sobrinho, Sônia Bahia Alice, Maria Tereza Lanat Pereira, Luciano Visco Filho, Moisés Wolfovicht, Leda Resende de Almeida.

Afinal, os jornais americanos não cantam só as misérias e a dívida externa brasileira.

Na semana passada, em seu caderno dominical, inteiramente dedicado à literatura, o *The New York Times* (hoje, quase 4 milhões de exemplares) publicou uma reportagem sobre literatura latino-americana e não deixou por menos: Hoje, a melhor literatura que se faz no mundo é a latino-americana. E a melhor literatura latino-americana é a do Brasil.

Está passando quase desapercibido o cinquentenário das histórias em quadrinhos brasileiros.

Foi exatamente em 1934 que Adolfo Aizen criou a primeira história em quadrinhos brasileira, chamada "As Aventuras de Roberto Sorocaba" (aliás, com esse nome não poderia ser mais brasileiro...)

Se fosse o aniversário do Zorro, fantasma, ou do Flash Grodon tinha até champagne.

Only for women

Lúcia Margarida Weylle recebeu na quarta-feira, para uma tarde de chá, no Grande Hotel da Barra, comemorando o seu aniversário. No centro do salão, uma grande mesa com belos arranjos de flores, e um bonito buffet. Serviço perfeito, num fim de tarde, elegante e requintado. A aniversariante recebeu os parabéns ao lado de sua filha Lítza Maria. Entre as presenças Lúcia Pessoa, Ligia Costa, Amy Peixoto, Mab Rios, Hilda Lisboa Sampaio, Corina Cerqueira, Dilma Castro, Walma Magnavita Seda, Selma Magnavita, Ilma Ruas, Iracema Nachef, Mariá Valiñas, Nair Cunha Costa, Alaide Montanha, Rita Camelyer de Souza, Angelina de Nunzio, Laila Darzé, Rita Reesink, Amneres Tourinho, Vilma Viana, Waldete Santos, Lúcia Reis, Dinorah Brito, Sílvia Harris e Walquir Martins. De suas amigas, ela recebeu um bellissimo presente. Como é de praxe, as aniversarian-

tes do mês, sócias da Soella, foram homenageadas ontem com um requintado almoço, que transcorreu num clima informal e de muita con fraternização. Mesinhas com toalhas de organdi bordado, centros de flores do campo, e um cardápio delicioso, sendo a grande vedete, um cassoulet de galinha, especialidade de Nícia Maria Dantas. As homenageadas foram Yeda Barradas Carneiro, Mariinha Catharino, Julinha Suerdieck, Yara Aguiar, Liana Allegro, Duzinha Falcão Almeida, Ruth Pacheco e Carmem Amoeado. Participando da reunião: Maria Helena Almeida, Liginha Sá, Sylvia Borges, Linda Conde, Duda Falcão Baleiro, Grace Gradin, Katusha, Miriam e Olivinha Barradas, Berenice Aragão, Emilinha Ribeiro, Maria Alice Silva Costa, Teresa Stern, Nícia Maria Dantas, Martha Tanajura, Ivanie Castro e Célia Brandão, entre outras.



No inverno/84 predominam, nas linhas de malharia, as formas amplas e simétricas, os efeitos visuais e o contraste exótico entre cores. Seguindo essa tendência, proposta por centros europeus de moda, as onze empresas que integram a EQUIPE DE TRICO lançaram coleções versáteis, adaptáveis a todos os gêneros de roupas, dando especial ênfase aos "tops".

Ao elaborar as peças, cada malharia tem em mente a multiplicidade de temas da temporada, e desenvolveu, a partir daí, opções de diferentes estilos. Surgem, nessas linhas, blusas em tricô, com tramas simples e trabalhadas, feitas em fios fantasia (dos mesclados aos rústicos), além de conjuntos de calças e blusões, confeccionados dentro da mesma concepção.

Em todas as linhas, a idéia é valorizar o visual das peças, através da harmonia entre tons sóbrios (cinza, preto, branco bege) e tonalidades vibrantes (laranja, vermelho, amarelo, azul), presentes em listras e motivos geométricos.

A infidelidade do brasileiro chega a doer: até há dias, o selecionado masculino de vôlei era aplaudido com o mesmo calor do futebol e seus astros aplaudidos até nas ruas. Agora, com as derrotas diante do selecionado da Rússia (um time invicto há sete anos), inicia-se uma corrente de comentários de desprezo, esquecendo-se todos que, há poucos anos, o vôlei brasileiro, praticamente quase não existia. É isso aí, memória curta...

Arte nas Olimpíadas

A Arte nas Olimpíadas é o tema da exposição que o USIS e Fundação Cultural do Estado estão promovendo no foyer do Teatro Castro Alves, até o próximo dia 13. Trata-se de uma série de posters artísticos idealizada por alguns dos mais renomados artistas plásticos daquele país. Esta série, é na realidade, uma das maiores coleções de arte contemporânea norte-americana, sob a forma de cartazes. Parte desta coleção chega a Salvador nesta mostra, que embora reduzida em volume, sintetiza de maneira objetiva, as atuais tendências do movimento da arte moderna nos EUA, ao mesmo tempo em que enaltece o máximo do desporto mundial.

Entre os participantes da mostra estão Carlos Almaraz, John Baldessari, Biolyal Bengston, Sam Francis, April Greiman, Jayme Odgers, Martin Puryear, Gary Winogrand, Jennifer Bartlett e David Hockney.



Como parte das comemorações pela passagem dos 70 anos de Dorival Caymmi, o secretário Edivaldo Boaventura, da Educação e Cultura do Estado, entregou ao

compositor, cantor e artista pela Medalha do Mérito Cultural Castro Alves, no dia 29, à noite, na festa do Shopping Center Iguatemi.



Ideário

- Em sua opinião, qual o cúmulo da miséria?
 - Não saber esperar.
 - A que erros o senhor seria mais descendente?
 - Aos da carne.
 - Quais os heróis de ficção de sua preferência?
 - D. Quixote e Aliosha Karamazov.
 - Qual a sua personagem histórica favorita?
 - São Francisco de Assis.
 - Sua qualidade preferida no homem?
 - A coragem de ser livre.
 - Sua qualidade preferida na mulher?
 - A ternura.
 - Sua virtude preferida?
 - A humildade.
 - Quem gostaria de ter sido?
 - Quem sou e o que sou.
 - O principal traço do seu caráter?
 - Firmeza nas convicções.
 - Seu principal defeito?
 - A gula.
 - Seu sonho de felicidade?
 - Viver desinteressadamente para os que sofrem.
 - Qual seria sua maior desgraça?
 - Morrer no pecado.
 - O que gostaria de ser?
 - Um santo.
 - Seus autores preferidos na prosa?
 - Cervantes, Balzac, Dostoiévski, Tolstói, Joyce, Eça, Graciliano Ramos.
 - Seus nomes favoritos?
 - Antonio, Graciano, Ismênia, Silvana, Celsa.
 - O que mais detesta?
 - Bajulação.
 - Que feito histórico mais admira?
 - Atila ter poucado Roma.
 - Como gostaria de morrer?
 - Orando.
 - Sua divisa?
 - Ad astra per aspera.
- (Parcialmente transcrito do Diário Oficial, 26/04/84).

A trajetória de um poeta que chega aos 80 anos e, lucidamente, diz: "A poesia está em pânico, em crise"

Na antecâmara do prédio onde funciona o Conselho Estadual de Cultura, na Graça, o poeta Godofredo Filho nos recebe para a entrevista sem dar sinal de insatisfação com nossa meia hora de atraso. Sentado numa cadeira estofada larga, ele reservara uma outra um pouco mais alta ao repórter. Sua posição era apenas aparentemente desfavorável: Godofredo falava do alto de seus 80 anos, completados na semana passada.

Conserva uma lucidez adolescente. Um colega seu do Conselho pede-lhe que recorde o nome de um religioso sergipano, o que faz sem dificuldade. Continua em plena atividade literária, iniciada aos 16 anos de idade, dedicando-se ultimamente à revisão do seu diário, que pretende publicar sob o título geral de "Memória da Memória" (apenas em parte. Há fragmentos que somente autorizará publicação para dez anos depois "de se me apagar o lume dos olhos"). Foge de explicar porque, em entrevista a Remy de Souza no Diário Oficial de 26/04/84.

O circuito do Diário Oficial, do Conselho de Cultura e da Academia de Letras da Bahia (a que pertence desde 1959) foi praticamente o único que lhe rendeu homenagem pelo aniversário, afora uma parte da imprensa local. Godofredo é muito pouco conhecido das novas gerações. A rigor, pode-se dizer até que das velhas. Sua obra, relativamente escassa, quase não foi levada ao circuito comercial, comedições quase sempre distribuídas entre amigos.

Essa íntima está longe de diminuir a importância do poeta para as letras baianas. É reconhecido por gente como Manoel Bandeira, Jorge de Lima, Alceu Amoroso Lima, Augusto Frederico Schmidt, Jorge Amado, Gilberto Freire e muitos outros, como o fundador do modernismo na Bahia, no início da década de 20. Ele, que hoje participa do círculo mais conservador, escandalizava o parnasianismo predominante na nossa poesia provinciana daquela época. De instituinte a instituído.

Godofredo Rebello de Figueiredo Filho (as alterações e rimas internas do nome sugerem predestinação poética), nascido num 26 de abril em Feira de Santana, parece só não ter mudado, ao longo de tantas décadas, o gosto pela filosofia, pelo magistério, pela poesia. Para manter a boa saúde que conserva hoje não precisou deixar o vinho, que bebe todos os dias o cigarro, nem o hábito de comer muito — inclusive carne e açúcar —, como um bom taurino.

Outro traço que não mudou: o rigor, a censura dos próprios versos, o pudor de não publicar as primeiras linhas escritas, com que ficou conhecido. Ou que não permitiu que se tornasse mais conhecido. Essa autocensura, que o levou a queimar muitos originais teria explicação na luta interior entre uma formação clássica e a prática da poesia moderna. Ele admite que seu modernismo era menos natural e mais intelectual.

(Ele explica as tiragens limitadas das edições de seus livros — "Poema de Ouro Preto" (1932), "Poema da Rosa" (1952), "Sonetos e Canções" (1954), "Lamento da Perdição de Enone" (1959), "Sete Sonetos do Vinho" (1972), "Soliloquio" (1974), "Ladeira de Misericórdia" (1979); "Deve-se a um feito todo especial meu. Sempre gostei de livros belos, gratificante". Isso encarecia as edições).

Godofredo não condena, no entanto, a postura característica de muitos poetas jovens, de publicar tudo o que lhe vem à cabeça: "Eles pensam que assim deve ser, e se assim pensam são coerentes em publicar tudo aquilo que lhes apetece. Mas arremata com frases como: "Há gosto e desgosto para tudo", e "Muitos procuram a poesia, mas ela se esquivam..."

Ele entende que as novas gerações "foram mal educadas no sentido da grandiloquência, do pomposo, do excessivo em palavras", que ele resume num "excesso de delírio adjetival que termina por esquecer a essência". Aqui ele parece ter chegado ao ponto onde desejava se ater mais e se faz a pergunta: "Mas o que é a essência da poesia?" Ele mesmo responde: "Sou eminentemente cristão, e acredito que essa beleza imaginada, essa manifestação suprema, é Deus".

Nem sempre foi assim. Godofredo confessa, em seu depoimento ao Diário Oficial: "Raízes longínquas e o final encontro do entendimento (luz natural da razão) e da sensibilidade, levaram-me a tais convicções, depois de uma crise aberta na mocidade ao exame de problemas epistemológicos que um dia me arrastaram pelas veredas equivocadas do idealismo crítico da escola de Marburgo". Fala de seu "navrágio na noite e, em seguida, volta à fé dos primeiros anos" — quando iniciou o curso de Humanidades no Seminário Arquiepiscopal de Santa Tereza.

Ele acredita hoje que "tanto o poeta quanto o sábio e o santo caminham para o mesmo objetivo" (o poeta busca a Beleza, o sábio a Verdade e o santo o Bem; os três objetivos podem ser resumidos, em sua opinião em uma só palavra: Amor. "O amor que move o sol e as estrelas" — cita ele o verso de Dante Alighieri). Godofredo prossegue na reafirmação de sua visão pessoal citando versos de sua autoria, com o devido cuidado para que o repórter não erre na grafia:

Ao entardecer, na alameda da Morte,
A Beleza perguntou à Verdade:
"Qual o caminho que conduz a Deus?"

"Amor", a Verdade respondeu.
Então, a Beleza disse: "Eu sou Amor".

Godofredo diz ter "vindo de um tempo em que se cuicava muito da forma, que hoje é singularmente desprezada pelos novos". Não é só a emoção que conta — todos nós temos emoções — o que interessa em poesia é a forma por que essa emoção é veiculada. Essa forma pode ser diversa de tempo para tempo e de

indivíduo para indivíduo". Ele adverte, porém, que "a boa forma é inseparável da emoção", e pontua com uma dúvida clássica: "Quem a forma terá para a expressão de tudo?"

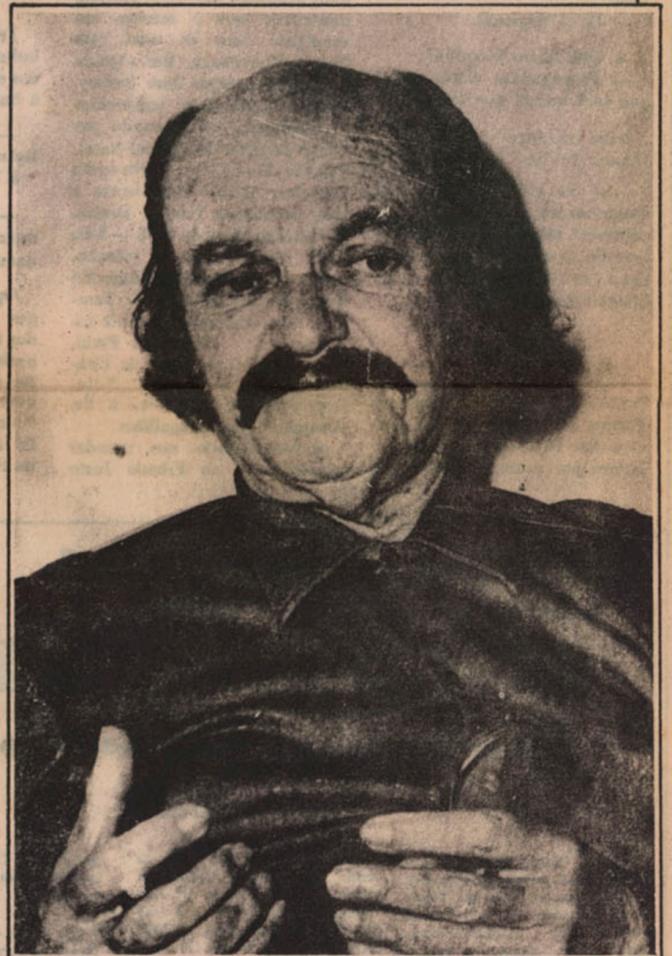
Perguntado se essa visão não o aproximaria da máxima do poeta francês Mallarmé, para quem poesia não se faz com idéias, mas com palavras, ele assente mas considera: "As palavras somente reunidas arbitrariamente podem expressar nenhuma poesia". Antes, demonstrando erudição, lembrou que a famosa frase de Mallarmé surgiu de um diálogo com o pintor Degas, e disse considerar o francês "um dos poetas mais complexos até hoje".

Mas o ideal estético, por assim dizer, de Godofredo, é a arte grega. "Talvez eu volte a procurar uma forma emanada dos gregos, uma forma que nem mesmo os romanos atingiram à qual pouco se juntou, a não ser as expressões de extrema angústia, como em Dante". Na idade moderna, ele aponta Baudelaire como um dos quatro gran-

des poetas do mundo. "Mas essa é minha cosmovisão pessoal, cada uma tem a sua diferente" — ressalva.

Leitura filosófica e de poesia, além de escrever, é a principal ocupação intelectual de Godofredo Filho. Recentemente, concluiu a leitura de "Amor a Roma", de Afonso Arinos de Mello Franco ("um grande livro"), que qualificou como "um dos grandes escritores brasileiros vivos". Entre os brasileiros que se foram, citou Manoel Bandeira e Graça Aranha (com quem manteve correspondência que pretende publicar) e, especialmente Ronald de Carvalho: "Um dos maiores poetas brasileiros liberdade de ritmo, pela qualidade da forma, equilíbrio..."

Mesmo reconhecendo a pobreza atual na literatura e nas artes de um modo geral ("a poesia está em pânico, está em crise, mas os poetas estão saudáveis") não é pessimista: "Outros movimentos surgirão enquanto o homem estiver sobre a face da terra. É preciso ter esperança". (Raimundo Luedy).



CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

CAYMMI PERTO DA GENTE

Deixei passar a onda de festejos a Dorival Caymmi, para celebrar a meu jeito o novo setenta: ouvindo os seus discos e lendo em seu livro Cancioneiro da Bahia as letras das canções que não tenho gravadas.

Então foi um domingo muito gostoso, em que tive com ele a conversa que nunca tivemos, pois só de passagem a vida me deu oportunidade de avistá-lo. Para compensar essa lacuna, sempre senti Caymmi perto de mim, pelo extraordinário poder de enfeitamento de sua música e de sua voz.

Assim reuni em minha casa a minha Dora, Teresa Batista, Anália, Mariana, Juliana, Rosa, Gabriel, Doralce, Chiquinha, outros. Fiel à sua Steia, Caymmi, entretanto, é homem de muitas mulheres, para não dizer de todas, pois a todas envolve na

melguice da música. Vieram também pescadores, trazendo nos gestos e nos olhos nada menos que o mar baiano. O ambiente povoou-se de sacerdotizas de Iemanjá, em círculo, sentadas perto de Caymmi como perto de um tio muito amado. Não sei como, ficou cheia a sala de proporções modestas e ninguém sentia falta de ar ou de comodidade. Que beleza, a arte de Caymmi, capaz de juntar tanta gente sem parecer comício!

O compositor, como de costume, não se fez de rogado. Cantou, proscou, foi cem por cento Caymmi, com seu sorriso bom. A certa altura, chamei-o para um canto e ouvi dele as coisas que desejava ouvir. Seguinte:

— O mundo é um negócio simples que o pessoal torna complicado. O mundo não é isso

nem aquilo. Uma nota de música dá pra entendê-lo. Juntando várias notas, elas fazem a gente gostar da vida como presente de Deus ou de meu pai Xangô. (Os nomes de Deus variam, mas tá claro que ele é o mesmo. Só que na Bahia tem um jeito especial de ser Deus, e isso é bom de curtir.

Aí, fui percebendo que Caymmi tem um traço que não sei se chamo de sensualidade religiosa ou de religião sensual. Deus e mulher se confundem num todo em que o amor faz o serviço da vida. E precisa mais do que isso para viver, se o amor se espalha pela existência e trabalho do ser humano, envolvendo a natureza, as pessoas e as coisas em integração harmônica?

Este sentimento místico do mundo com tempero baiano é dom particular de quem

aparentemente só se preocupa com alguns aspectos da natureza e com relações diretas entre indivíduos dos dois sexos. E, a meu ver, se exprime cabalmente — ou lindamente — neste verso de samba: "Nada como ser rosa na vida". A figura-mandala da rosa encerra o sentido de viver. Caymmi teve uma rara intuição da circularidade com que o mundo gira em torno do amor como em torno de um ponto fixo, imutável. E tudo se explica, não pela filosofia nem pelas ciências exatas ou aladas, mas pela simplicidade da conclusão: viver é uma oportunidade de amar e sentir o gosto bom das coisas. Mesmo que ele deixe saudade. Mesmo que seja breve.

"Andei por andar, andei e todo caminho deu no mar": o mar de Caymmi é uma forma de universalidade. Sua canção ora está bofando entre as ondas ora se

queda na praia, como espera ou lembrança. Ele não canta as grandes navegações de Ulisses ou dos portugueses camonianos. Basta-lhe o saveiro, que resume a aventura, e o pescador, que vem da Bíblia e chega às águas da Bahia. Mas todos nós, embalados pelos seus sambas marinhos, sentimos todo o mar em nós, numa imprevista extensão de massas atlânticas.

O papo vai bom, e Caymmi não precisa dizer que a Bahia tem um jeito que nenhuma terra tem, e que a Bahia tá viva ainda lá. A Bahia tá viva e aqui, neste apartamento em que reúne Dorival e seus mitos para a comemoração dos setenta anos. Que são setenta anos, diante da melodia que não conta tempo, não envelhece, enquanto as modas de cantar se sucedem e quase nada de música existe mais do que uma estação? Não há dia

seguinte para o cancionero de Caymmi. A flor que o vento joga no colo da morena de Itapuã, não murchou ainda. Murchará um dia? Não creio. O que está na voz de Caymmi a gente guarda como faz com as coisas de estimação. E ao ouvi-la em casa, na rua, no ar, é sempre a emoção de um bom encontro. Incorporou-se ao patrimônio de arte e coração do Brasil. Ninguém o apaga ou destrói.

Meu domingo não foi ocioso nem perdido. Caymmi não sabe que ele o passou comigo. Mas eu sei.

FRASE DO DIA

De Maurice Maeterlinck, em O Pássaro Azul:

"Todo dia é domingo, em todas as casas, quando a gente está de olhos abertos".